

## Histórico

# O

## XU

O Centro de Experimentação Poética, **CEP 20.000**, é um projeto coletivo e teve, em seus 18 anos (1990/2008), vários curadores e ideólogos. Dentre os principais: Michel Melamed, Guilherme Zarvos, Chacal, Tavinho Paes, Guilherme Levi, Ericson Pires, Viviane Mosé, Bruno Levinson, Joe, Nill, Domingos Guimarães, Vitor Paiva, Botika, Mauricio Antun, Aimberê César, Tarso Augusto, Rod Britto, Laurent Gabriel e o grupo Boato. A necessidade de escrever sobre um movimento recente, que ajudei a fundar e do qual sou um dos curadores, tem diversas origens.

## Maré

Vai minha visão.

Era uma vez o sol de junho em Berlim, nudez<sup>32</sup> faz felicidade, 1989, o Muro parecia que não ia desmilingüir. A cara dos soldados da Alemanha Oriental na fronteira era bastante agressiva. Conversei com políticos do SPD, com jovens em Berlim Oriental e em Cracóvia, com a juventude que entupia igrejas, e ninguém previa tamanha rapidez de mudanças. Recebi um flyer – nesse tempo só quem filipetava com força, no Rio, eram os políticos e seus companheiro(a)s, ou cabos eleitorais, ou o pessoal do teatro. Esqueci-me das publicidades do precário, do “compro ouro” e “trago sua garota de volta”, porém tudo era diferente de receber um panfleto num bairro barato e com gente feliz, Krouzberg, na ilha<sup>33</sup> chamada Berlim, e chegar lá numa espelunca qualquer e ouvir o som dos recém punks, dos “novos aristocratas” aos “alternativos”<sup>34</sup>, tocando e trocando para/com dezenas ou mais de duas centenas de jovens que sabiam porque estavam ali. Festa e ação política. Naquela época, Moderna, não estavam tão difundidos esses happenings como “Produtos Nômades”.

<sup>32</sup> Ver sobre nudez alemã no romance *Beijo na Poeira* (Zarvos, 1990).

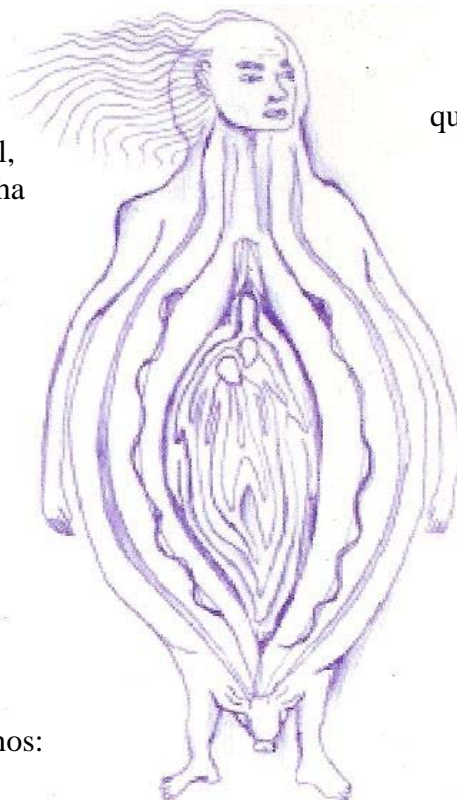
<sup>33</sup> Sobre Berlim Ocidental antes da queda do muro, ver também *Beijo na Poeira* (Zarvos, 1990).

<sup>34</sup> Jovens que recebiam o mínimo do governo para estudo universitário, seguro-desemprego ou outras facilidades, e vivem para viajar sem a preocupação de acúmulo de capital.

**ROBERTO ATHAYDE:**

*[O CEP] É um endereço em que o prazer disputa uma forte vocação educacional sem que se possa nem se queira saber qual é sua motivação principal. Seria reunir amigos com uma cabeça artística e, numa ponte entre o Baixo Gávea e Santa Teresa, apresentá-los a outros tantos para que mostrem mutuamente seus últimos trabalhos? Ou seria um palco aberto ao novo, disponível a baixo custo à população carioca para criar e conhecer o fermento das inquietações líteromusicais? Essas duas vocações se fundem no Teatro Sérgio Porto numa atmosfera em que o estranho e o novo são bem-vindos e em que se pode afinar a rebeldia do espírito diante da injustiça e da feiúra, mas também em que se mantém um clima de ação entre amigos e talvez até um certo ar de família (...) Dá ao público carioca a oportunidade de ver o que é feito porque o artista quer criar e transforma em prazer a sua angústia e não porque algum produtor percebeu o marketing de alguma coisa.<sup>35</sup>*

Estava tentando um Políticas. Na Berlim. Quem não na Alemanha Ocidental, anos, era ir morar na ilha rapaziada bizarra. Já livro de ficção Podia exercer uma do que a máscara que no Brasil: a de político social-democrata, viés libertário, ligado preferencialmente Simplificando, num acanhado que o Brasil costumes individuais, européia forte e sem podia viver com por mês e a Eu somaria outros sonhos: ser viado.



doutorado em Ciências Universidade Livre de quisesses servir o Exército e tivesse menos de 18 e viver. Tinha uma contei no meu primeiro *O Beijo na poeira.* identidade mais livre satisfeito detonava e heterossexual, nacionalista, com a um partido, no poder executivo. país menos na aceitação dos com uma cultura custo alto, já que se menos de mil dólares Universidade era grátis. ser doutor ser escritor e

Desenho de Fernando de La Roque para a capa do livro *Barriga D'água* de Rod Britto.

<sup>35</sup> Roberto Athayde, dramaturgo, em depoimento à revista *CEP 20.000 – Inventário (1990-2000)* (CEP 20.000, 2000)

Mas a saudade do Brasil, do Baixo Gávea, da política, me impediu de ficar. Era a primeira eleição direta para presidente e Brizola poderia ganhar. A transformação acelerada possível. Dentro do respeito à Constituição. Esperava. Educação e Salário Mínimo melhores e distribuição de renda. Nada que não se pudesse fazer no Brasil – país em que as elites não gostam do povo<sup>36</sup>. A possibilidade de ser homossexual sem rancor não me prenderia lá.

## DEU NO JORNAL

“MP investigará os custos da Cidade da Música”. O Ministério Público abre inquérito hoje para investigar os custos da construção da Cidade da Música Roberto Marinho, na Barra da Tijuca. Os promotores da Promotoria da Cidadania e Tutela Coletiva querem esclarecer como uma obra orçada pela prefeitura inicialmente em R\$ 80 milhões já custa aos cofres públicos R\$ 461,5 milhões (576% a mais) em construção, projeto e consultorias, como mostrou O GLOBO.<sup>37</sup>

OBS – Assim deve agir um jornal isento. Muitas vezes *O Globo* e o resto da grande mídia não o é – a melhor, em conteúdo é *A Folha de São Paulo* aos domingos. *A Veja* comprada seja por qualquer direita internacional vai ser lida, quando a *Carta Capital* ficar de igual para igual, pela direita dos 10%. Merece. A grande mídia agindo como ideólogo com a desculpa da concorrência. Esta grande mídia, controlada por pouquíssimas famílias, como mostra *Ciro Gomes*<sup>38</sup>, produz visando ao consumidor, portanto, distanciando-se de um engajamento mais ideológico. Uma pretensa neutralidade ou posições visando ao consumidor que quer mais notícias “objetivas” e pouca opinião política. Não acredito neste caminho.

(I)DADE

(C)IDADE

BER(O)

BER(A)

LI

LI



<sup>36</sup> Leitura feita por Darcy Ribeiro em *As Américas e a Civilização* (Ribeiro, 1983).

<sup>37</sup> *O Globo*, Quinta-feira, 14 de fevereiro de 2008 – Caderno Rio, pág. 19.

<sup>38</sup> Entrevista com *Ciro Gomes* publicada na edição do jornal *Folha de São Paulo* de 17/02/2008.

Voltei. Cheguei sem doutorado, com um romance quase pronto e a certeza do que queria. Participar. Influenciar. Ter experiências para compartilhar. Morava desde 1982 no Baixo Gávea, fui vendo as modificações que levaram o local a juntar gente com afinidades possibilitadoras de originar um movimento. Era a intuição que se manifestava e até hoje se manifesta. A razão só leva a mais uns passos. A experiência e a observação e a ação e o olhar para o que foi feito e a aprendizagem com outros é o que vai fazendo o caminho dentro de inúmeras possibilidades, caminho que dependerá de abandonos e esforços modificáveis.

#### Mandamento

Não vou xingar mais uma vez meu pai  
 Tenho gente mais solene para xingar  
 Uma Instituição inteira menos a Chiquinha  
 Esqueci, falha, das minhas queridas professoras  
 Homens nem deveriam existir no meu harém  
 Na reencarnação só haverá mulheres  
 Ainda vou pensar no caso dos eunucos  
 Nesta vida sem harém continuarei a pagar putos  
 Não vou xingar mais uma vez papai  
 Tenho dinheiro para cachaça escolhi um bar  
 Do lado. Tem um maneta, um pernetta e o dono  
 Mais barrigudo que eu. E olhe que ambos  
 Parem todos os dias. Quando contamos *moneda*.

Era leitor de romance. Queria ser um escritor que me sustentasse com o que escrevia. No dia que vi um casal bonito, Alexandre Wanderley, com cara de surfista, porém modificado por um olhar que era mais concentrado, mantendo a doçura, que não era a de um surfista mais normalmente estilizado; ela, Dada

(Maria Eduarda Glicério), muito bonita e com um livro do Rilke na mão. Era um dia bonito na Praça Antero de Quental, já os conhecia de vista do Baixo Gávea, intuí que a poesia poderia ser um meio de me comunicar com a gente jovem e sem tanto preconceito. A rapaziada do Baixo: neste grupo poderia ser homossexual sem enorme sofrimento ou ter de viver apenas com amigos homossexuais. Neste grupo eu poderia mostrar meu saber. Darcy Ribeiro, Goa e Berlim já haviam me iniciado.

## DEU NO JORNAL<sup>39</sup>

“Presos de MG convivem com ratos e sarna”. Cubículos de 30 m2 fedem a urina, fezes e abrigam 50 homens que nunca saem para banho de sol e têm ferimentos. Baratas, ratos, lacraias e 50 homens dividindo, 24 horas por dia (...)



<sup>39</sup> Jornal *Folha de São Paulo* cotidiano C3 – domingo, 10 de fevereiro de 2008.

Falei com Darcy Ribeiro. Expliquei que queria desenvolver um projeto ligado à poesia para juntar gente. Desde 1983, quando comecei a trabalhar com ele, queria desenvolver um trabalho ligado à arte e ele desejando para mim um caminho promissor, dentro da “política real”, achava que eu devia trabalhar com um horizonte maior. A Educação Pública ou a eleição para uma das três Câmaras. Achava que a minha proposta de intervenção como a posteriormente chamada CEP 20.000 era ligada por demais às demandas da classe média e que a classe média sempre encontra solução. Mesmo dentro do Programa Especial de Educação<sup>40</sup> não pude atuar como queria no Programa de Animação Cultural<sup>41</sup>. Apesar de conversar muito sobre o assunto com o mestre, foi através da indicação de João Luiz de Souza que vi muitos dos meus anseios sendo postos em prática. Darcy falou para eu conversar com o poeta Gerardo Mello Mourão, Presidente do Fundo Rio, da Secretaria Municipal de Cultura, sendo o Prefeito, Marcelo Alencar, do PDT. Falou que provavelmente Gerardo gostaria da proposta, e gostou. E também conversei com Aluísio Leite que era um dos sócios da Timbre, ex-sócio da livraria Muro, e que me alargava os horizontes da poesia contemporânea e da crítica. O quem é quem poético da cidade naquele momento.

### VIVANE MOSÉ:

*Foi a minha chegada no Rio; foi a minha porta de entrada. Eu não conhecia ninguém aqui, eu tinha acabado de chegar, fiz uma oficina com o Chacal no Parque Lage e ele me falou do CEP. Eu já tinha ouvido falar também e eu comecei a aparecer. Eu não falava poemas ainda no palco. Quer dizer, eu nunca tinha falado aqui no Rio só em Vitória. Eu nunca ia pro CEP, no início, como poeta, eu ia para assistir e adorava, adorava. E conheci, então, todo mundo. O Michel, o Levi, o Zarvos, o Pedrinho, o Paulista, a Leca, e etc. ... muitas pessoas mesmo. Muito legal. Até que um dia eu disse pro Chacal que eu queria falar um poema e ele meio que brincou: “Mas você vai falar?”. Falei .. eu já fiz isso em Vitória, pouquíssimas vezes antes do CEP. Umas quatro, cinco vezes, eu tinha falado poemas assim. E fui a primeira vez. E foi muito, muito legal. E de lá para cá sempre frequentei como poeta, sempre falando poemas. Raramente eu estava no CEP ... só um poeminha. Então, para mim, o CEP tem a cara do Rio, do que é para mim o Rio de Janeiro. Tem o que eu não encontrava em Vitória de espaço, de encontro, e tem essa multiplicidade, essa pluralidade de manifestações em um espetáculo que dura quatro horas e todo mundo participa. Uma bagunça bastante*

<sup>40</sup> Núcleo gerador dos CIEPs que foi presidido por Darcy Ribeiro entre 1983 e 1987.

<sup>41</sup> Parte do Programa Especial de Educação dedicado à contratação de jovens artistas para atuarem nos CIEPs.

*organizada, na verdade. É desorganizado aparentemente, mas não é. Tem todo um jogo super legal. É super-responsável. Eu me lembro que quando eu ia entrar no palco era super-nervoso, tenso, porque é um show; não é uma brincadeira. É um show e está todo mundo ali pagando para assistir. Público enorme, sempre, casa lotada. Então, para mim, é difícil falar do CEP, porque é a minha cara, sempre foi a minha cara.*<sup>42</sup>

Surgiu o Terças Poéticas.<sup>43</sup>

No último dia estava cansado da obrigação de trazer muita gente, mesmo que de graça, para o teatro da Faculdade da Cidade<sup>44</sup> para os encontros com pensadores/escritores que admirava tanto. Este modelo já não me entusiasmava, e conversando com Chacal falei que o modelo tinha limites, ele sugeriu que mudássemos o modelo, pensamos em nos concentrar num novo projeto, para além dos canônicos. O Sérgio Porto não era muito usado, Tertuliano dos Passos me conhecia, Chacal tinha nome e Carlos Emílio Corrêa Lima assegurava à Instituição que não ultrapassaríamos os limites aceitáveis de comportamento.

## Terça-feira Poética

Sempre às 17h,  
no auditório da  
Faculdade da Cidade

### ABRIL

17 EROTISMO E POESIA  
Gerardo de Mello Mourão  
24 AUGUSTO DOS ANJOS –  
UM POETA MALDITO  
Ferreira Gullar

### MAIO

08 NOSSOS LOUCOS “ANOS 20”  
Silviano Santiago  
15 UMA VIAGEM A PASSÁRGADA COM  
MANUEL BANDEIRA  
Francisco de Assis Barbosa

<sup>42</sup> Fala de Viviane Mosé no filme *CEP 20.000*, de Daniel Zarvos (2006).

<sup>43</sup> Evento que originou o CEP 20.000, em que nomes canônicos se misturavam a atuantes do Baixo Gávea.

<sup>44</sup> Onde aconteceram, entre abril e junho de 1990, os primeiros encontros do “Terças Poéticas”.

22 DRUMMOND:

“VAI, CARLOS! SER *GAUCHE* NA VIDA”

Antonio Houaiss

29 JOÃO CABRAL DE MELO NETO –

A CONSTRUÇÃO DA POESIA

João Cabral de Melo Neto e Antônio Carlos Secchin

JUNHO

05 TROPICALISMO E POESIA

Heloísa Buarque de Hollanda (Chacal e Boato se apresentam)

Se você tem mais de 15 anos, traga sua poesia (ou não traga), mas participe.

Entrada Franca.

Havia trabalhado e convivido com Márcia Cibilis Viana, que me falara da tática dos movimentos revolucionários na América do Sul, aonde os grupos de guerrilha chegavam com alguma proposta de convívio e perguntavam quem era o melhor marceneiro, quem era o melhor açougueiro, o melhor músico, e conversavam com cada um, posteriormente os reuniam para falar das necessidades do local, portanto, falando de transformação política, formando um conjunto de possíveis lideranças. O Baixo Gávea fervia e eu bebia e perguntava quem era o melhor músico, provocava os jovens com cara inteligente questionando-os se eram poetas, juntava com os letristas das novas bandas, com gente de teatro, e filipetava nas universidades, principalmente na noitada da Gávea, o Baixo Leblon tinha dado um tempo, PUC, UFRJ, FACHA, bar do Mosca, no Posto 9 e pelas ruas, pelas ruas e ia conhecendo vários jovens que queriam mostrar suas práticas.

MUDANDO

Mudo. De assunto que já estou cansado da linearidade do discurso. Pensar o CEP pode ser transvalorar conceitos como mostrava Nietzsche, a angústia das possibilidades e escolhas como falava Sartre, a dialética materialista, o dinheiro do contato oficial possível – o fim é gerar um produto/movimento me inserindo como um dos muitos curadores. Mas era tão mesquinho perto do que já vira dentro de um governo como foi o de Brizola de 1983/1987, onde Darcy conseguiu, por escolha do Brizola e capacidade do Darcy, impor os CIEPs para além de outros programas importantes como o projeto de reestruturação dos transportes da Região Metropolitana para o qual Jaime Lerner havia sido



chamado: num governo sempre há diferentes visões e falta de recurso. A mistura da capacidade de agregação e das escolhas estéticas era o que provavelmente daria resultado. Deste mesmo modo, o CEP 20.000 já nasceu com propostas de ação e curadoria divergentes, que serão detalhadas no momento da análise dos anos 90, mas que me parecem remeter às questões pessoais dos dois formuladores de início, eu e Chacal, o que ajudou e mais ainda atrapalhou o desenvolvimento do CEP 20.000. Com a entrada efetiva de Michel Melamed, em 1994, outros caminhos se apresentaram. A razão das diferenças é que, apesar de eu ser seis anos mais moço que Chacal, meu ethos constitutivo tem base na noção dos “fundadores da pátria”, e tomo esta noção a partir de uma linha de pensadores, escritores, políticos e familiares que remetem ao Romantismo e à Proclamação da República, mas tem o auge do amadurecimento dos anos 50 até o AI-5, em 1968. Chacal, de modo contrário, tem como referência a figura de Oswald de Andrade, relido pelo chamado “desbunde” do início dos anos 70, impulsionado pelos participantes da *Revista Navilouca*, descrita por Heloisa Buarque de Hollanda como “a mais importante publicação de conjunto de pós-Tropicalismo(...)” (Hollanda, 2004: 80). Aliás, vou entendendo agora, a influência das irmãs de Ricardo Duarte Chacal, dentre elas, oito anos mais velha, a maravilhosa Eliane Duarte. O poeta, ainda em fase de esportes, sua outra irmã Marisa Duarte foi casada com o Vergara, viveu, na sua casa, o auge da Bossa-Nova e a continuidade da Geração 65. Foi de ouvido nada bobo de moleque e de adolescente, único filho homem, mimado, que o bardo Chacal – depois com Bob Dylan ou Oswald e com sua ida para Londres, em 72 – já tendo publicado, mimeografado de maneira bela, o *Muito prazer, Ricardo* (1971) e *O preço da passagem* (1972), teve a epifania, para uma nova fala oral para a poesia que combinasse com sua escrita. O *Preço da Passagem* foi lançado no MAM num evento multimídia organizado por Vergara. Intuí essa influência com o lirismo de seu último livro *Belvedere* (Chacal, 2007); foi ali, e agora retorna, que o poeta nasceu.



# CARLOS EMÍLIO CORRÊA LIMA

escritor

Salve Michel, Guilherme e Chacal !

Não tenho vocação para Pete Best ou para Pepino. O Breve. Este depoimento é para deixar bem claras as palavras, impressas no mais que redondo das mentes. O Pete Best é o tal Beatle que foi substituído pelo Ringo Star, na última hora. Estou mais para George Martin, o arranjador, a eminência acesa. Bateria não é muito comigo embora goste de poesia com ritmo, muito ritmo. Sou mais dos arranjos cósmicos, da orquestração dos acasos, de abrir uma brecha de tempo no espaço e fazer as coisas acontecerem, juntando as pessoas certas no disco juntas da hora oscilatória. Foi o que aconteceu com o CEP 20000. Eu estava lá, no Poder, fazendo o que podia para ampliar os espaços para os novos poetas e escritores da cidade do Rio de Janeiro. Como Coordenador de Editoração do RIOARTE e da Fundação Rio eu era o cara que se infiltrara para deslizar o Brasil por dentro do Rio de Janeiro, para que o Rio de Janeiro não se tornasse provinciano como alguns falsos cariocas queriam transformá-lo (e quase conseguiram!). Ainda, e sempre, ele será o palco espiritual da nação brasileira. É para o Rio (o nome está dizendo) que convergem as almas, os sonhos, os talentos, o suor e até o sangue da gente dos outros estados. O Rio não é apenas mais um estado, o Rio é o Estado de todos os Estados. Só que o lobo manhoso eletrônico também no Rio se aboletou e do Rio, como um



F 6

imenso vírus dituidor de tudo, pretende aniquilar com a arte do nosso povo, com o ânimo de toda a gente. Pois eu fui morar em cima do tapete da língua do lobo e comecei a dar alfinetadas na língua dele imensa, vermelha, aberta e seborréica. Foi encima dessa língua que nós armamos o palco do CEP 20000. Desde então o lobo está meio engasgado, não pode morder mais com força, fechar a boca, nos engolir. Os poetas se instalaram dentro da boca dele que a gente usou como caverna cenográfica e não cansamos de sapatear em cima de suas papilas gustativas. Era 1989, começo de 1990, eu estava muito envolvido com a confecção do Letras & Artes, o L&A, o Lá, tablôide de literatura e artes da Fundação Rio e do Rioarte, em luta com a burocracia financeira (que fazia de tudo para que ele não saísse nos prazos certos), em oposição infiltrada ao testamento provinciano da literatura local, acadêmica em suas conCEPções até à laringe. A gente estava abrindo as páginas de um tablôide oficioso, arejando o espaço, mexendo com tudo ali dentro, fazendo cócegas no estômago do sistema, transformando uma publicação de uma instituição cultural do município numa coisa de feição alternativa, criativa, com raízes na luz, misturando povo e vanguarda, revolucionando o layout, virando de cabeça para o alto a diagramação, a noitegramação, trazendo gente nova para dentro da piscina de éter da criação, como o Pedro Amaral, o Alberto Puchéu, o André Brito, o Guilherme Zarvos, o Carlos Mundi, o Pedro de Brito, o Dado, o José Damasceno, o Raul Mourão, o Ricardo Maurício, o João Callado, o Maurício Salles, o Roberto Tavares, o Maurício Ruiz, o Marcos Chaves, o César Cardoso, o Nelson de Oliveira, o Mario Proença, o Braulio Tavares, o Ricardo Basbaum, o Dau Bastos, o Guilherme Veiga, o Alex Hamburguer, o Ricardo Vieira de Lima, o Fabiano Dias, o Adriano Melhem, o Rômulo Fritscher, a Paula Tavares, o Alexandre Mansur, o Pedro Besouro, o Fernando Santoro, o Emanuel Marinho, o Carlos Sansolo, o Marcus André e uns já mais estabilizados mas não em fase de acomodação, como o Leonardo Fróes, o Arthur Omar, a Ivana Bentes, o Manoel de Barros, o Elyseu Visconti, o Julio Bressane, o João Silvério Trevisan, o Chico Alvim, o Chacal, o Murilo Schneider, o Darcílio Lima, o Walter Firmo, o Saulo Pereira de Mello, o Jamil Damous, o Ivan Junqueira, o Ivo Barroso, o Franklin de Oliveira, o Tunga, o Waltércio Caldas, o Haroldo Viegas, o Miguel Rio Branco, o Paulo Herkenhoff, a Lélia Coelho Frota, o Samaral, a Denise Emmer, o Frederico Gomes, o Mário Chamie, o Armando Freitas Filho, o Pedro Pellegrino, o João Carlos Rodrigues,

o Roberto Piva, o Trimano, a Hilda Hilst, o Fausto Wolff, o Ricardo Guilherme Diche, o Francisco Carvalho, o Airton Monte, o Moreira Campos, o Carlos Augusto Viana, o Fernando Fortes, a Olga Savary, a Heloísa Buarque de Hollanda, o Renato Cordeiro Gomes, o André do Carmo Seffrin, o Foed Castro Chamma, o Newton Cavalcante e centenas de outros de todas as partes do Brasil por todas as páginas da mais democrática publicação cultural que o Rio de Janeiro já teve até hoje. O que a gente precisava era criar uma amplidão de convivência, juntar as tribos numa imensa constelação, e todas as artes... O L&A, fundado pelo poeta Gerardo Mello Mourão, com a minha influência como editor, pulverizou todas as tentativas de grupismos, panelinhas, mafiazinhas, minorias de controlá-lo. Contra todos os regionalismos, inclusive o urbano mas sim com a imersão na mistura de tudo para se criar uma outra coisa que ainda não pode dizer o seu gente estava abrindo as páginas de um tablôide oficioso,

nome porque ainda está em "transfomação". E, naturalmente, a gente tinha que começar pela cidade do Rio de Janeiro, trazendo todas as energias dispersas para uma nova nave louca. E o L&A foi preparando energeticamente o futuro palco do CEP 20000. Era uma modelagem de energias. Sem ele O CEP não teria surgido na época, harmonizado pelas esculturas invisíveis de energias( o futuro da arte mundial se prepara a partir dessa idéia do novo simbolismo) que ele emanou na atmosfera da cena carioca. Ele pré-diagramou o CEP .Me lembro que o esforço começou a compensar quando o jornal ganhou o premio da APCA (Associação Paulista de Críticos de Artes) para a melhor Divulgação cultural do país em 1990. Nenhum jornal da cidade deu a notícia, ninguém quis dar. A inveja campeava. Só saiu uma notinha no informe JB. Neste mesmo ano nasceu o CEP 2000. Tudo nasceu a partir de um conjunto de experiências díspares que se juntaram num milagroso momento para que tudo se expandisse. Na época eu era o assessor mais influente do inesquecível Tertuliano dos Passos como Coordenador Editorial do Rioarte e da Fundação Rio. Ele era o presidente da instituição. Me lembro muito bem na hora dele assinar o projeto que eu e o Zarvos levamos para ele. A gente estava preocupado com a situação de relativa anúria do Chacal. E o projeto era a cara do Chacal, que já vinha vindo da Nuvem Cigana e de tantos outros lendários mbates, o midiático Chacal. O Guilherme Zarvos estava

mobilizando a juventude criativa da pólesia desde as Terças-feiras Poéticas, na Faculdade da Cidade. Tinha experiência política, sabia falar em público, mobilizar, atizar, reunir. E principalmente, naquela época, se aproximar de mim o que eu também fazia em relação a ele. Eu era o editor que fazia o impossível para abrir as comportas da imprensa cultural para o novo, para a gente nova que vinha surgindo, as maiores ousadias no campo das artes gráficas,plásticas, editoriais e poéticas. (Duas editoras de arte incríveis me acompanhavam no projeto editorial: a Lili e a Neuza Costa.). Pois bem, na hora de assinar, o Tertuliano olhou pra mim e, entre o sim e o não, me perguntou: Carlos Emílio, você me garante que não vai haver gente fumando maconha lá dentro do teatro Sérgio Porto ? Eu sorri e disse que isso não era da nossa conta. Aí ele assinou a aprovação do projeto urdido por nós três: Zarvos, eu e Chacal.1990 é um ano que cada vez mais amplia sua órbita. Ainda estamos dentro dele. Os arroubos editoriais do L&A eram tantos que continuavam no palco do Sergio Porto. Ninguém poderá esquecer a noite do primeiro CEP. Não sei onde arranjei coragem para inaugurar as instalações nômadeas performáticas que chamei de inte"interrompeças", ou "irrompeças". Muita gente ainda hoje parece que não entendeu bem a coisa. Também não era por menos. Eu entrava com tudo, com uma performance no meio de uma performance de um outro poeta ou no meio de um grupo de músicos sem avisar. E imaginem o que não acontecia e, principalmente, o que acontecia. O Gerardo Mello Mourão percebeu logo que era uma enxurrada de novos poetas que eu tentava fazer entrar nas páginas do Letras & Artes que ele dirigia. Começou então a dar uns trancos embora na

maioria das vezes fosse magnânimo, alto e civilizado poeta que é. Os poetas que eu não conseguia que ele aprovasse para sair nas páginas do jornal, como Bruno Levison, o Michel Melamed e o Guilherme Levi já estavam dando certo, se projetando no CEP. Dez anos de CEP! Mais do que Centro de Experimentação Poética ele é o Centro de Expansão Poética da cidade do Rio de Janeiro. Em junho deste ano também já foram dez anos desde o primeiro número da segunda fase do L&A, a fase mágica, revolucionária, com aquela gravura surrealista do Darcilio Lima na capa, número que deu a grande guinada na sua linha editorial, já bem impregnada do CEP. Ficou assim: eu cuidava do jornal e o Chacal e o Guilherme Zarvos cuidavam do CEP. Mas tudo era junto. E era a mesma alma. Se um de nós não quisesse o CEP não teria surgido. Acho muito estranho que muita gente finja que eu não fui um dos três que criou o CEP e que o tablôide Letras&Artes nunca existiu. Será que é porque estou geograficamente distante aqui em minha terra natal onde criei um novo CEP, o Rodas de Poesia, que ocorre todas as noites de sábado e que já lançou mais de quinhentos novos poetas e me preocupo mais com o presente contínuo do futuro do que com o passado ?



